



# **Críticas e resenhas**



# Resenha do livro *Caio Graco Prado e a Editora Brasiliense*

*Caio Graco Prado, edição e os caminhos da cultura*

*Felipe Quintino<sup>1</sup>*

- .....
- 1 Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). É professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: felipe-quintinolima@gmail.com

## RESUMO

O editor Caio Graco Prado desenvolveu projetos relevantes à frente da Editora Brasiliense, com o lançamento de coleções, descoberta de novos autores e o incentivo das discussões culturais. As iniciativas no meio literário e história da editora foram contadas no livro *Caio Graco Prado e a Editora Brasiliense*, que reúne textos de professores e pesquisadores. Organizado por Sandra Reimão e Gisela Creni, o livro contribui para o entendimento da repercussão da Brasiliense no cenário editorial, principalmente na década de 1980, e do protagonismo do editor em ambiente de redemocratização no país.

**Palavras-chave:** edição; literatura; cultura; Brasiliense; Caio Graco Prado

## ABSTRACT

The editor Caio Graco Prado developed relevant projects at Editora Brasiliense, launching collections, discovering new authors and encouraging cultural discussions. The initiatives in the literary field and the history of the publisher were told in the book *Caio Graco Prado e a Editora Brasiliense*, which brings together texts by professors and researchers. Organized by Sandra Reimão and Gisela Creni, the book contributes to understanding the repercussion of Brasiliense in the publishing scene, especially in the 1980s, and the role of the editor in an environment of re-democratization in the country.

**Keywords:** edition; literature; culture; Brasiliense; Caio Graco Prado

“ Dividir opiniões, multiplicando cultura”. A partir desse lema, a editora Brasiliense pavimentou uma história de influência no debate político-cultural, em especial, com o lançamento de projetos inovadores, a interação com jovens leitores e a conexão aos rumos do país. O percurso teve impulso por meio da dedicação de um editor de perfil otimista que se dizia um “agitador cultural”: Caio Graco Prado. Ele começou a trabalhar regularmente na Brasiliense em 1965 e assumiu a direção da empresa dez anos depois, em um momento de crise financeira da casa editorial.

As iniciativas desenvolvidas e a história do editor podem ser conferidas em *Caio Graco Prado e a Editora Brasiliense*, organizado pela professora da Universidade de São Paulo (USP) Sandra Reimão e pela produtora gráfica Gisela Creni e lançado recentemente pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Além de textos de autoria dos pesquisadores Flamarion Maués, Andrea Lemos, Marcello Rollemberg e João Elias Nery, o livro conta com cronologia histórica, depoimentos de pessoas que conviveram com o editor, fotos, relação de títulos publicados e logotipos de coleções.

Fundada em 1943 pelo historiador Caio Prado Júnior (pai de Caio Graco), em parceria com Leandro Dupré e Arthur Neves, a editora Brasiliense se constituiu como polo de oposição ao Estado Novo de

Getúlio Vargas. Um ano depois de sua fundação, o escritor Monteiro Lobato associou-se ao projeto da editora. Segundo a professora Sandra Reimão, ao lado das publicações explicitamente políticas, as obras de Lobato tiveram grande sucesso de venda desde os primeiros anos e uma das estratégias iniciais da editora foi vender coleções de livros em domicílios, mas, ao mesmo tempo, já na década de 1940, instalara a Livraria Brasiliense, na rua Itapetininga, no centro de São Paulo.

Na busca por congregar escritores e estudiosos de assuntos brasileiros, a editora lançou a *Revista Brasiliense*, publicada entre 1955 e 1964, com a colaboração de intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda e Sérgio Milliet. Outro projeto de destaque foi o jornal *Leia Livros*, lançado em 1978, com a proposta de ser um espaço de debates sobre livros. Tinha em média 20 páginas e dividia-se em cinco seções: editorial, bilhete, artigos, resenhas e gerais. O jornal chegou ao seu fim em 1984.

No período da ditadura militar, a Brasiliense situou-se entre as editoras de oposição, segundo classificação do pesquisador Flamarion Maués. Ele contextualiza os momentos de prisão do historiador e de seu filho logo após o golpe militar e também a interdição da gráfica Urupês, pertencente à editora Brasiliense, por agentes do Departamento de Ordem Política e Social sob alegação de que imprimia livros subversivos, como o folheto *Um dia na vida de Brasilino*, que denunciava o domínio das indústrias norte-americanas em solo brasileiro. Os dois, segundo Maués, “não se intimidavam com as prisões e perseguições por parte dos militares no poder: mantiveram suas atuações editoriais e se engajaram em tarefas de resistência ao poder estabelecido”.

Entre os projetos desenvolvidos pela Brasiliense, um chama atenção não só pela sua marca e sucesso editorial, mas também por fazer parte da memória de muitos universitários: a coleção Primeiros Passos, iniciada em 1980. Criada com objetivo de ampliar para um público maior o conhecimento de temas diversos, a Primeiros Passos contou

com o trabalho do editor Luiz Schwarcz, que examinou a pedido de Caio Graco volumes de uma coleção de origem espanhola chamada *Biblioteca de Divulgación Política* que serviria de inspiração e com direitos já comprados. Schwarcz decidiu sustar o pagamento do adiantamento e argumentou em relatório que a coleção tinha que ser feita integralmente no Brasil. A professora Vanya Sant’Anna ficou responsável pelo processo de coordenação dos futuros autores.

A coleção foi um grande sucesso: os temas do primeiro ano de lançamento, como as edições de *O que é socialismo* (Arnaldo Spindel), *O que é sindicalismo* (Ricardo Antunes), *O que é capitalismo* (Afrânio Mendes Catani), *O que é questão agrária* (José Graziano da Silva) e *O que é ideologia* (Marilena Chauí) alavancaram as vendas, representando boa parte do faturamento. A coleção lançou até 1989 mais de duzentos títulos e vendeu mais de cinco milhões de exemplares. Foi adotada em escolas e universidades e continua, ainda hoje, na bibliografia de disciplinas e consultada por professores, alunos e demais interessados.

Para a professora Andrea Lemos, o sucesso da coleção deve também créditos ao seu formato: pequeno, com média de noventa páginas, capas ilustradas e preços acessíveis. Ela avalia que, ao criar a *Primeiros Passos*, a editora Brasiliense concretizou por meio da ação de Caio Graco estratégias de luta pelo conhecimento, “imprimindo, em sua função social, organicidade ao processo de abertura democrática na ampliação da participação política necessária à sociedade brasileira”.

Na esteira do sucesso de *Primeiros Passos*, Brasiliense lançou outras coleções, como: *Tudo é História*, *Cantadas Literárias*, *Encanto Radical*, *Circo de Letras* e *Primeiros Voos*. O jornalista Marcello Rollemberg registra que “todas as coleções possuíam uma logomarca de identificação que entraram na memória afetiva dos leitores tanto quanto os livros lidos”. O *Cavalo de Troia* aparecia em *Tudo é História* e o *mala-barista* em *Circo de Letras*. Já a pena estilizada em *Cantadas Literárias*. Na década de 1980, em paralelo ao sucesso de vendas das coleções, publicou livros das áreas de ciências humanas de autores ligados ao

meio universitário, entre eles, José Arthur Giannotti, Jean-Claude Bernadet, Ruy Fausto, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Heloísa Buarque de Hollanda. Na relação de autores estrangeiros traduzidos de não ficção estiveram Walter Benjamin, Félix Guatarri e Jean Baudrillard. Ao lado das editoras Civilização Brasileira, Zahar e Perspectiva, a Brasilense participou, nos anos 1980, do processo de consolidação do livro universitário brasileiro.

Em busca da renovação literária e atento ao público jovem, Caio Graco foi o responsável por lançar, em 1982, um livro que se tornou referência de uma geração: *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva. Filho do ex-deputado Rubens Paiva, morto durante a ditadura militar, ele cursava Rádio e TV na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), tinha 23 anos na época da publicação do livro que conta sobre o acidente que o deixou tetraplégico depois mergulhar em um lago e o próprio episódio do dia em que os militares invadiram a sua casa e levaram seu pai. Com venda de 120 mil exemplares nos dez primeiros meses, *Feliz Ano Velho* ficou nas listas dos mais vendidos do país por um longo período.

No processo de abertura política, Caio Graco se engajou publicamente na Campanha das Diretas Já, momento de intensa mobilização que pedia a eleição direta para presidente, com apoio de artistas, intelectuais e esportistas. Ele teve a ideia de usar o amarelo como a cor das Diretas Já. A inspiração veio a partir das manifestações populares das Filipinas contra o então presidente Ferdinand Marcos, com os manifestantes de amarelo. A ideia foi aceita pelos apoiadores das Diretas. A linguagem dos quadrinhos entrelaçada com história do país teve o seu espaço na coleção Redescobrimdo o Brasil, publicada nos anos 1990, com os títulos *Olha lá o Brasil! E finalmente Portugal nos descobriu*; *Da colônia ao império: um Brasil para o inglês ver*, entre outros. Com textos escritos por Júlio José Chiavenatto e Lilia Maria Schwarcz e desenhos de Miguel Paiva e Angeli, a coleção buscava atrair novos públicos. Segundo avaliação do professor João Elias Nery, a linguagem intencionalmente irônica do texto, associada ao

humor das HQs, inserem as obras da coleção “no contexto crítico do período em que a sociedade revisitava aspectos da história do país e procurava reinterpretar o passado à luz da redemocratização”.

Nos anos 1990, a Brasiliense enfrentava dificuldades no mercado e via seu crescimento da década anterior sofrer impactos com o avanço comercial de outras editoras. A situação também teve outros contornos com a morte de Caio Graco em junho de 1992, aos 60 anos, em decorrência de um acidente de motocicleta. De 1992 a 2011, sua irmã assumiu a direção, Yolanda Cerquilha da Silva Prado. Desde 2011, a editora está sob o comando de Maria Teresa Batista de Lima. Com este livro, Sandra Reimão (autora de *O que é romance policial* na coleção Primeiros Passos) e Gisela Creni, que trabalhou na Brasiliense, contribuem com a recuperação de histórias de uma editora de grande repercussão no cenário editorial, principalmente na década de 1980, e do seu principal protagonista como criador de projetos de relevância no ambiente do fortalecimento do movimento democrático do país. O livro ajuda a fomentar as pesquisas na área da história editorial e serve como ponto de partida para novas investigações.

Em tempos de retomada da discussão das políticas culturais por parte do governo federal, o contato com a trajetória de Caio Graco reverbera utopia e entusiasmo com as potencialidades de um país em transformação, tendo a leitura como parte dessa aventura. As palavras do editor poderiam fazer eco no presente: “acho que o governo tem a obrigação de desenvolver o país e, neste caso, a cultura precede necessariamente o desenvolvimento”, segundo trecho de palestra proferida em 1986, presente no livro.

## REFERÊNCIAS

REIMÃO, S.; CRENI, G. (org.). *Caio Graco Prado e a Editora Brasiliense*. São Paulo: Publicações BBM, 2020.